

# De Krugmans, Fishlows e Dornbuschs

**Maria Clara R. M. do Prado**



**N**ão faz muito tempo, o economista Paul Krugman esteve no Brasil para falar sobre a situação financeira internacional.

Veio no início de abril do ano passado, a convite da Fundação Dom Cabral, de

Belo Horizonte.

Fez apresentações na capital mineira, em São Paulo e no Rio de Janeiro e passou por Brasília, onde esteve reunido por cerca de quatro horas com o mais alto escalão da área econômica federal.

Por não conhecer muito de Brasil, limitou suas observações basicamente à economia asiática, aos Estados Unidos e à Europa. Mas chegou a criticar, na reunião em Brasília, o mix que vinha caracterizando a política econômica brasileira. Juro alto e moeda valorizada, notou, costumam funcionar por pouco tempo, apenas como posição tática.

Para o público externo, Krugman pregou a manutenção da política cambial brasileira “como arma fundamental” e considerou os juros altos como necessários para atrair os investimentos estrangeiros (ver Gazeta Mercantil, 05/04/98, caderno B, pág. 2).

A polêmica levantada nesta semana de carnaval envolvendo o nome de Armínio Fraga Neto e o fundo Soros pôs novamente o nome de Krugman nas manchetes dos jornais. Ele retratou-se ao dizer que não tinha provas que incriminassem Armínio por “insider information” e aparentemente ficou tudo como estava.

O episódio, porém, não passará em branco. Mesmo que não seja mencionado durante a sabatina a que o presidente indicado para o Banco Central terá de submeter-se no Senado Federal — o que, diga-se, dificilmente acontecerá —, fica no mínimo o espanto quanto à desenvoltura com que alguns economistas estrangeiros (residentes nos Estados Unidos, em sua maioria) passaram a tratar questões relacionadas ao Brasil.

Vale tanto para o bem como para o mal.

Krugman pode não ter agido propositadamente, mas sem dúvida ajudou aos interes-

ses do governo ao elogiar em público a política cambial do País, ainda que em particular a ela fizesse reservas.

Em posição oposta tem se colocado o economista alemão Rudiger Dornbusch. Radicado nos Estados Unidos, morou no Rio de Janeiro anos atrás. Conhece não só a economia, mas também a cabeça dos economistas brasileiros. Suas críticas ao presidente Fernando Henrique Cardoso, à equipe econômica e ao Plano Real podem deixar arrepiados os mais desavisados.

Passou a defender ultimamente para o Brasil o sistema de “currency board” (paridade fixa com o dólar) seguido na Argentina. Seria o mesmo que fechar o Banco Central e entregar ao Fed norte-americano a condução da política monetária brasileira.

No outro extremo está o economista Albert Fishlow. Este — pelo menos em público — não perde a chance para tecer elogios à política econômica brasileira.

Não fosse pelo desequilíbrio fiscal, o Brasil seria um verdadeiro paraíso. No final de novembro do ano passado, Fishlow traçou em São Paulo, uma vez mais, um cenário dos mais otimistas para o País.

Tinha já acontecido a crise da Rússia, o mundo agitava-se com medo de que a prática da moratória viesse a dominar no quintal dos chamados “emergentes”, as bolsas caíam, o Brasil perdia somas e somas de reservas, mas Fishlow previu que nada disso afetaria o bom desempenho que prognosticava para a economia do País.

A política cambial não mudaria e os investimentos estrangeiros continuariam fluindo como se nada tivesse acontecido.

Embora possam traçar cenários diferentes quando trancados nos gabinetes de Brasília, os economistas não costumam repetir na rua as previsões mais pessimistas. São convencidos a propagar mensagens positivas em nome das expectativas favoráveis.

Mas há o caso daqueles que trazem para o governo estimativas absolutamente furadas, baseadas em dados que não são muito concretos. Isso aconteceu no primeiro semestre de 1997. O banco de investimento Goldman, Sachs previu erroneamente que o dólar começaria a desvalorizar-se frente ao iene.

Aquela previsão foi trazida a Brasília e chegou a ser usada pelo governo brasileiro, ainda que indiretamente, como argumento a

favor da manutenção da política cambial. Se o dólar cai frente ao iene e ao marco (euro, hoje), os produtos brasileiros ficam mais competitivos na Europa e na Ásia, pois tudo o que se vende lá fora tem preço em dólar.

Bem, o dólar não caiu e as exportações brasileiras não deslancharam.

A pergunta que se faz é muito simples. Por que os palpites e as insinuações dos economistas e instituições estrangeiras sobre questões brasileiras ganham tanta importância?

O País tem economistas capacitados a analisar não apenas a situação interna, mas também os acontecimentos a nível de economia internacional. O governo precisa valer-se desse tipo de assessoria e formar gente dentro de seus quadros que possa entender o que se passa no resto do mundo.

Nunca se ouviu falar de qualquer consulta formal que Robert Rubin, secretário do Tesouro norte-americano, tenha tido com o brasileiro Edmar Bacha. Mesmo que ocorresse, a repercussão do encontro nos Estados Unidos seria de certo bem mais moderada. ■

*(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)*